

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

S amurai ribeirinho, Pedro Chão, o protagonista de “Filhos do Mangue”, chafurda num lamaçal existencial, com o fio cortante da acusação em seu pescoço, a fim de buscar um dos bens mais preciosos da condição humana: a recordação. A fama de mau que o precede parece não fazer justiça ao homem que ele se tornou depois de aparecer ferido e sem memória num povoado que tem muitas razões para odiá-lo. A travessia que esse sujeito engata, a fim de reconhecer-se e exorcizar culpas das quais não se lembra, assegura ao circuito carioca um espetáculo poético com a grife de Eliane Caffé na direção. Desbravar Brasis é sua onda.

Basta ver algumas joias de sua carreira: “Kenoma” (laureado em Biarritz, na França, em 1998) e “Narradores de Javé” (indicado ao troféu Tigre do Festival de Roterdã, na Holanda em 2003). É de sua natureza ainda arrancar atuações viscerais de suas estrelas, o que Felipe Camargo comprova, e bem, nesse seu novo longa-metragem, que acaba de estrear no Rio. A fita saiu do Festival de Gramado de 2024 com dois Kikitos (o troféu do evento): Melhor Direção e Atriz Coadjuvante para Genilda Maria.

Na preparação das filmagens, no Rio Grande do Norte, na região de Barra do Cunhaú, Eliane conversou com o Correio da Manhã e explicou: “O mangue representa a nascente do modo de vida da pesca familiar que está sendo devorada pelos empreendedores do lucro e do capital. Ao mesmo tempo, o mangue é a expressão da natureza mãe de onde todos os seres vivos, incluindo nós, somos energizados”, disse a realizadora de títulos premiados como “Era o Hotel Cambridge”, que representou o Brasil no Festival de San Sebastián, em 2016.

Sua inquietação criativa gera um personagem para ficar no imaginário audiovisual do país, à luz do empenho de Camargo.

“A solidão do Pedro Chão é a solidão de qualquer homem, de



O desempenho estonteante de Felipe Camargo em ‘Filhos do Mangue’, de Eliane Caffé, inunda a tela de poesia

Da lama ao caos (da reinvenção)

Divulgação

‘Filhos do Mangue’ marca a volta da diretora Eliane Caffé às telas, apoiado num desempenho visceral de Felipe Camargo na comunidade de Barra do Cunhaú, no Rio Grande do Norte

qualquer ser humano... O trauma que ele carrega do abandono, da lacuna da mãe que não existe na vida dele, que pode ter morrido ou simplesmente sumido, marcam a infância e o desenvolvimento des-



A diretora Eliane Caffé e o produtor Fernando Muniz no set de filmagem de ‘Filhos do Mangue’

se homem”, explica Camargo. “Ele tem um buraco enorme dentro dele... um sentimento de rejeição na raiz da sua existência. A perda da memória quase que zera tudo e faz com que ele se veja apenas no olhar dos outros. Ele acorda dentro do próprio julgamento. Essa espécie de Juízo Final, ao mesmo tempo que cria a possibilidade de ele se ver como nunca tinha se visto, cria também a chance real de ele se re-

dimir e de se reinventar. Acho que todos nós - cada um com sua vida, seus traumas, seu caminho e consciência - temos a chance de fazer isso todo dia: conseguir se olhar por inteiro, enxergar a dimensão dos próprios atos - bons ou ruins - e tentar se melhorar. Esse talvez seja o grande desafio da existência”.

Eliane explica ao Correio que o “Filhos do Mangue” reafirma a riqueza de um processo de criar

em coletivo e expandir as fronteiras temáticas. “Precisamos expandir, pois com os meios tecnológicos sob a batuta do mercado e do capitalismo, podemos estar estreitando nossas mentes sem conseguir sonhar mundos diferentes”, diz a cineasta.

O roteiro de “Filhos do Mangue” é do eterno colaborador de Eliane, o dramaturgo Luís Alberto de Abreu, autor de “Lima Barreto ao Terceiro Dia”. Abreu proseia com a literatura de Sérgio Prado, no romance “O Capitão”, para extrair um lirismo peculiar ao universo de Caffé, já decidida a abrir importantes participações pros moradores do Cunhaú e pra população indígena Potiguara Katu (RN). Na produção, estão Beto Rodrigues e Fernando Muniz, que hoje opera em Portugal, apostando em projetos autorais, e tem no currículo “Cinema Novo”, de Eryk Rocha, e “Veneza”, de Miguel Falcabella. Esse time produziu um poema de redenção.

“O maior desafio foi entendermos a dinâmica da natureza do mangue e filmar no corpo a corpo com elenco, equipe e natureza” explica Eliane, ao Correio. “Às vezes penso que se a IA dominar o cinema, perderemos essas experiências que são transformadoras na pele e na alma de quem está no front das criações. O aprendizado quando saímos de nossas bolhas onde supomos que dominamos os códigos do universo, é gigante, e fica gestando dentro da gente por muito tempo. Depois de uma semana com o corpo na lama do mangue, poder sentar em roda e tocar um tambor, ou biritar conversas é outra dimensão do humano que nos falta muito nas grandes cidades”.

“Filhos do Mangue” é uma realização da Pé na Estrada Filmes, com patrocínio da Protege e Britânia. Apoio: Sebrae, Pousada Vila da Barra, Pousada do Forte, Naturezatur, Coco Mango, AOC (Associação de Ostreicultores de Canguaretama), Aldeia Indígena Katu e prefeitura de Canguaretama. A distribuição é da Bretz Filmes. A fita foi produzida com recursos públicos operados ou geridos pela Ancine, BRDE e FSA.